

# **A UTOPIA CAMPONESA**

***Octavio Ianni***

O movimento social camponês aparece duas vezes na história da sociedade nacional. Na primeira, ao formar-se a nação burguesa, quando a revolução burguesa cria ou organiza a sociedade nacional, em conformidade com os seus ideais e interesses. Na segunda, ao formar-se a nação socialista, quando a revolução popular, operário-camponesa ou socialista cria e recria, segundo outros ideais e interesses, a sociedade nacional herdada da burguesia.

Acontece que as duas revoluções são também revoluções agrárias. Transformam a sociedade em toda a sua extensão, compreendendo a cidade e o campo, a sociedade civil e o Estado. Enquanto um processo social de grande envergadura, que afeta as formas de vida e trabalho, as instituições e a cultura, as relações do indivíduo, família, grupo, classe, com a sociedade como um todo e o poder estatal, a revolução altera também as condições de vida e trabalho, os padrões e os valores no campo. Acresce que a revolução social não é necessariamente uma ruptura abrupta, total, violenta. Pode ser lenta, desigual, contraditória. Sempre engendra ou dinamiza forças adversas, contra-revolucionárias. Vem de longe, vai longe. Em geral, é larga a gestação e a duração do processo revolucionário, a despeito dos seus sinais mais visíveis, espetaculares, dramáticos, épicos.

É claro que o movimento camponês aparece também em outras conjunturas. A história da sociedade nacional, na maioria dos países, compreende muitas manifestações de pequenos produtores rurais. As suas reivindicações e revoltas, de alcance local, regional ou nacional, são acontecimentos sem os quais seria impossível compreender a história nacional.

Cabe registrar, ainda, que a presença do campesinato na revolução social não se organiza de modo necessariamente revolucionário. Nem sempre nele se coloca o desenvolvimento da economia, a participação no mercado, a formação da sociedade nacional, a organização da ordem burguesa, a

criação de uma sociedade socialista. Inclusive são freqüentes os movimentos de cunho tradicionalista, adversos às transformações sociais, estranhos ao que vem da cidade, indústria, governo. "A história das revoluções burguesas mostra que, em determinadas condições, a contra-revolução pode conseguir realmente colocar ao seu lado partes das massas populares, pelo menos temporariamente" <sup>1</sup> A guerra da Vendéia, em 1793-1795, com inspiração católica e monarquista, mobilizou camponeses contra a República criada pela Revolução Francesa. A rebelião dos Cristeros, em 1926-1929, de inspiração católica, mobilizou camponeses contra a marcha da Revolução Mexicana. Há elementos contra-revolucionários no movimento social camponês, já que este não se opõe necessariamente à transformação da sociedade nacional nem leva em conta os ideais e interesses predominantes nesta. Nem sempre o camponês está pensando a "reforma agrária", que aparece nos programas, discursos e lutas dos partidos políticos, na maioria dos casos de base urbana. Pensa a posse e o uso da terra na qual vive ou vivia. Estranha quando o denominam "camponês" Reconhece que é trabalhador rural, lavrador, sitiante, posseiro, colono, arrendatário, meeiro, parceiro etc. São os outros que dizem, falam, interpretam, criam, recriam ou mesmo transfiguram as reivindicações e lutas do camponês. Muitas vezes este não se reconhece no que dizem dele, ou fazem por ele, a partir de partidos políticos, agências governamentais, órgãos da imprensa, igrejas.

Em geral, no entanto, o movimento social camponês se torna um ingrediente básico, freqüentemente decisivo, da revolução. O caráter das suas reivindicações econômicas, políticas, culturais, religiosas ou outras implica no questionamento da ordem social vigente. Não se interessa pelo dilema "povo sem história" ou "povo histórico" Pouco se empenha na controvérsia sobre "movimento social" ou "partido político" A sua prática social como um todo, compreendendo a luta pela preservação, conquista ou reconquista de suas con-

dições de vida e trabalho, acaba por tornar-se um componente das lutas sociais que se desenvolvem no âmbito da sociedade como um todo. Certamente o campesinato francês, às vésperas de 1789, e depois das muitas reivindicações e revoltas que desenvolvia desde séculos anteriores, certamente não estava pensando na Bastilha, em Paris. Nem o russo às vésperas de 1917, e depois de todas as lutas que realizou desde séculos anteriores, pensava no Palácio de Inverno, em Petrogrado. O movimento social camponês pode ressoar longe, mesmo sendo local, regional. "Não se diga que o movimento social exclui o movimento político. Não há, jamais, movimento político que não seja, ao mesmo tempo, social" <sup>2</sup>

As revoluções burguesas seriam mal-explicadas se não se leva em conta a maior ou menor presença do campesinato. Isso é verdade para a Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Rússia, China, México, Brasil e outros países, compreendendo revoluções prematuras, tardias ou maduras. Toda revolução burguesa, na medida em que expressa também o desenvolvimento das relações capitalistas de produção, implica na revolução agrária. A acumulação originária, o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo no campo, a monopolização da propriedade e exploração da terra, o desenvolvimento desigual e combinado, esses são processos estruturais ocorrendo simultaneamente com a revolução. São a expressão e o produto da marcha da revolução, vista na perspectiva da sociedade nacional. Esse é o contexto mais amplo no qual emerge o movimento social camponês. Daí a sua significação histórica. Expressa o protesto do trabalhador rural, da comunidade como uma forma de vida e trabalho, em face da revolução agrária provocada pela indústria. "A produção capitalista somente sabe desenvolver a técnica e a combinação do processo social de produção minando, ao mesmo tempo, as duas fontes originais de toda riqueza: *a terra e o homem*" <sup>3</sup>

Entretanto, o campesinato tem sido derrotado em muitas batalhas. Não dispõe de condições para tornar-se uma

classe hegemônica. Subsiste, ao longo do tempo e das lutas, como classe subalterna. Não se coloca a conquista do poder, do Estado. Não formula um projeto alternativo para a organização da sociedade nacional. Luta desesperado para defender o seu modo de vida, um modo de vida diferente, dissonante daquele que se instala e expande com a revolução burguesa. Por isso, as muitas derrotas. "Coisa singular: nas três grandes revoluções burguesas são os camponeses que fornecem as tropas de combate, e eles também, precisamente, a classe que, depois de alcançar a vitória, sai arruinada, inexoravelmente, pelas conseqüências econômicas desse triunfo" <sup>4</sup> Por isso Zapata não teve muito o que fazer, quando conquistou o lugar físico em que se encontrava o centro do poder nacional, em 1914. "Na noite de 24 de novembro, depois que os últimos carrancistas haviam evacuado a cidade de México, os primeiros contingentes sulistas (zapatistas) entraram quase que envergonhadamente na capital. Por não conhecer qual era o papel que deviam desempenhar, não saquearam nem praticaram pilhagem, mas, como meninos perdidos, vagaram pelas ruas, batendo às portas e pedindo comida. (...) O próprio Zapata não se sentia mais tranqüilo" do que os camponeses que compunham a sua força <sup>5</sup>

Mas é discutível afirmar que o campesinato é "primitivo" "pré-político", "sem história" "social e culturalmente inferior" devido à "natureza da economia camponesa" Reitera-se a idéia de classe subalterna, em uma acepção negativa, quando se escreve que "no fundo, os camponeses são e sentem-se subalternos. Com raras exceções, sua perspectiva é a de reformar a pirâmide social, não destruí-la" Busca-se compreender o campo a partir da cidade, mas sem passar pela ótica camponesa. "Os camponeses são perfeitamente capazes de julgar a situação política local, mas a sua dificuldade real está em distinguir os movimentos políticos mais amplos que podem determiná-la" <sup>6</sup> Predomina uma visão externa, na qual sobressaem aspectos econômicos e políticos.

A situação agrária brasileira, em diferentes momentos, tem sido examinada nesses termos. "Do ponto de vista político, a luta pela terra — o que é diferente da luta pela aplicação da legislação laboral agrária vigente — somente se apresenta em forma generalizada e aguda nas áreas de fronteira agrícola, *não sendo portanto o que caracteriza as regiões agrícolas mais importantes do País*. Embora a luta pela terra se apresente em determinados pontos como enfrentamentos armados entre jagunços, grileiros e latifundiários de um lado, e posseiros (e indígenas) de outro, como *problema político* ela se encontra circunscrita e relativamente isolada...". Essas lutas seriam apenas "a expressão da voracidade dos grandes latifundiários ou capitalistas territorializados que buscam 'limpar' suas terras de posseiros" Revelam "o encontro do grande capital territorializado (investimentos das grandes empresas nacionais e multinacionais na pecuária, na agroindústria e em atividades extrativas) com a economia de subsistência desenvolvida por posseiros" 7

Essa interpretação leva um contrabando evolucionista, além de privilegiar o "econômico" Não aponta, nem implica, as dimensões sociais e culturais da condição camponesa. Esquece o significado das formas divergentes de vida e trabalho, em face das criadas pelo capitalismo, como formas que podem representar alternativas críticas. A comunidade camponesa pode ser ilusória, pretérita, romântica. Mas pode ser uma metáfora do outro mundo.

De fato, o movimento social camponês não se propõe à conquista do poder estatal, à organização da sociedade nacional, à hegemonia camponesa. Essas talvez sejam tarefas do partido político. Pode ser a tarefa da classe operária, associada com outras categorias sociais, inclusive o campesinato. Mas isso não elimina nem reduz o significado revolucionário das muitas lutas que esse movimento realiza. Em essência, o seu caráter radical está no obstáculo que representa a expansão do capitalismo no campo; na afirmação da pri-

mazia do valor de uso sobre o valor de troca, a produção de valor, o trabalho alienado; na resistência à transformação da terra em monopólio do capital; na afirmação de um modo de vida e trabalho de cunho comunitário.

Aliás, não foi por acaso que Marx embatucou quando Vera Zasúlich lhe perguntou, em 1881, se havia possibilidade de que a comuna rural russa se desenvolvesse na via socialista; ou se, ao contrário, estava destinada a perecer com o desenvolvimento do capitalismo na Rússia. Esse é um dos momentos mais intrigantes e bonitos da biografia intelectual de Marx. Escreveu vários rascunhos, buscando uma resposta que fosse também uma reflexão sobre as condições do desenvolvimento do capitalismo, e socialismo, naquela país. Naturalmente procurou informar-se melhor sobre o que estava ocorrendo ali, nos anos recentes e em todo o século XIX. Reconhecia que a expropriação do campesinato acompanhava o desenvolvimento capitalista na Inglaterra, França e outros países. Mas julgou que esse não precisava ser o mesmo caminho da Rússia. Em certo passo da versão da carta que, afinal, enviou à sua correspondente, dizia: "Convenci-me de que esta comuna é o ponto de apoio da regeneração social na Rússia, mas para que possa funcionar como tal será preciso eliminar primeiramente as influências deletérias que a acosam por todos os lados e, em seguida, assegurar-lhe as condições normais para um desenvolvimento espontâneo"<sup>8</sup> Aliás, em uma carta anterior, de 1877, para a redação de uma revista político-literária, Marx já havia revelado um interesse muito especial pela comunidade rural. "Se a Rússia continua marchando pelo caminho que vem percorrendo desde 1861, desperdiçará a mais bela oportunidade que a história jamais ofereceu a um povo, para evitar todas as fatais vicissitudes do regime capitalista"<sup>9</sup> É fundamental constatar o desafio que representou, para Marx e outros, a idéia de que a comunidade rural poderia ser preservada, ou recriada, no socialismo. O que está em causa, nesse capítulo intrigante e belo do pensamento de Marx, é o reconhecimento de que o socialis-

mo tem algo ou muito a ver com a comunidade; que o socialismo seria uma forma comunitária de organização da vida e trabalho.

A revolução socialista é sempre uma revolução popular, na qual estão presentes camponeses, empregados e outras categorias sociais, trabalhadores da cidade e campo. Nessa revolução, o campesinato reaparece como força social, às vezes decisiva. E essa presença será tanto mais forte quanto mais precário tiver sido o encaminhamento da questão agrária pela revolução burguesa. O que torna particularmente decisiva a presença do campesinato na revolução socialista é o fato de que a revolução burguesa nem resolve nem encaminha satisfatoriamente a questão agrária. É possível dizer que a importância do campesinato nas revoluções soviética, chinesa, vietnamita, sandinista e outras se deve ao fato de que elas se deram em países basicamente agrários. Mas essa constatação não explica tudo. Pode ser o indício de algo mais fundamental. A realidade é que a persistência do caráter agrário de um país pode ter muito a ver com a forma da revolução burguesa que nele se dá. Em certa medida, pode-se dizer que a força revolucionária do campesinato tem muita relação com o caráter da revolução burguesa.

O capitalismo pode revolucionar de modo amplo o mundo agrário, o que em geral destrói muitas das bases das condições de vida e trabalho do camponês. O desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo no campo — compreendendo a acumulação originária, a monopolização da propriedade e da exploração da terra etc. — destrói bastante a comunidade rural. Provoca a proletarianização de muitos. Joga largos contingentes no exército industrial de reserva. E o campesinato que subsiste, ou se recria, já não será o mesmo, não será um fermento social de maior envergadura. Suas reivindicações e lutas tendem a adquirir outros sentidos. Pode ingressar no mercado; inserir-se na produção de mercadorias; subordinar-se à grande empresa na produção de algum gênero alimentício ou matéria-prima; desenvolver reivindica-

ções econômicas e políticas de pequena burguesia agrária. Esse é o campesinato que representa uma base social importante do bonapartismo que nasce com o golpe de Estado de 1851, comandando por Luis Bonaparte. Esse é o campesinato que se organizou no movimento populista norte-americano, que floresceu em fins do século XIX. Nesses e outros casos, quando a revolução burguesa encaminha a questão agrária decisivamente, segundo as exigências da reprodução do capital, a revolução que provoca no campo cria outros patamares. Esses, por exemplo, são campesinatos que reivindicam a reforma da pirâmide social.

Entretanto, na medida em que a revolução burguesa não provoca maiores transformações no mundo agrário, preserva ou recria um campesinato descontente. Aí está uma condição básica da força social que ele pode representar, em âmbito local, regional ou nacional. Nesse sentido é que "os camponeses têm fornecido a dinamite para pôr abaixo o velho edifício" <sup>10</sup> Nos países predominantemente agrários, o que pode significar que a revolução burguesa adquiriu aí determinado caráter, nesses países, "sem as revoltas camponesas o radicalismo urbano não tem sido, afinal, capaz de realizar transformações sociais revolucionárias" <sup>11</sup> Essa foi uma revelação fundamental da revolução soviética. "Se a questão agrária, herança da barbárie, da antiga história russa, tivesse sido resolvida pela burguesia, caso pudesse ter recebido uma solução, o proletariado russo não teria, jamais, conseguido subir ao poder em 1917" <sup>12</sup> Aos poucos, no século XX, descobrem-se as dimensões revolucionárias dos movimentos sociais que ocorrem no campo. Isso aconteceu também na China, em dado momento da revolução social que se achava em marcha, então. "É preciso retificar imediatamente todos os comentários contra o movimento camponês e corrigir, o quanto antes, as medidas erradas que as autoridades revolucionárias tomavam em relação a ele. Somente assim se pode contribuir de algum modo para o futuro da revolução, pois o atual ascenso do movimento camponês é um acontecimento

grandioso. Muito em breve, centenas de milhões de camponeses; a partir das províncias do centro, do sul e do norte da China, vão se levantar como uma tempestade, como um furacão de extraordinária violência, que nenhuma força, por mais poderosa, poderá deter. Vencerão todos os obstáculos e avançarão rapidamente pelo caminho da libertação. Todos os imperialismos, caudilhos militares, funcionários corruptos, tiranos locais e *shenshi* perversos serão sepultados. Todos os partidos e grupos revolucionários, todos os camaradas revolucionários serão postos à prova perante os camponeses e terão de decidir se os aceitam ou rejeitam”<sup>13</sup> No Vietnã, um país agrícola, no qual a invasão estrangeira operou a revolução burguesa, o campesinato representou a força decisiva da revolução socialista. “Para o sucesso da resistência e da reconstrução nacional, para obter efetivamente a independência e a unidade nacionais, é absolutamente necessário apoiarmo-nos no campesinato”<sup>14</sup> Na Nicarágua, o sandinismo tem uma base importante no campo. Nesse país, a vitória da revolução foi assim: “A insurreição de uma massa popular integrada por milhares e milhares de camponeses, pequenos produtores, médios produtores, pequenos comerciantes, pequenos artesãos; ou seja, uma República Popular, uma República de povo humilde”<sup>15</sup> Aliás, em diversos países da América Latina e Caribe o trabalhador rural entra na história nacional, muitas vezes, de forma decisiva. Acontece que nesses países, também, a revolução burguesa não resolve a questão agrária. Isto é, as transformações que se operam no campo generalizam as fatais vicissitudes do regime capitalista, sem abrir outros horizontes ao trabalhador rural. Como a burguesia não resolve nem a questão agrária nem a questão nacional, o campesinato se constitui como uma força social básica, tanto para reformar como para revolucionar a pirâmide da sociedade<sup>16</sup>

A reivindicação principal do campesinato é a posse e o uso da terra. Luta para preservar, conquistar ou reconquistar

o seu objeto e meio básico de trabalho e vida. Em face da acumulação originária, ou do desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo no campo, o camponês luta pela terra. Reage à sua expulsão do lugar em que constrói a sua vida. E essa luta freqüentemente adquire conotação revolucionária. Por um lado, o camponês resiste à proletarização, no campo ou cidade. E isso é contrário ao funcionamento do mercado de força de trabalho, aos fluxos e refluxos do exército industrial de reserva, à subordinação real do trabalho ao capital. Por outro, a luta pela terra impede, ou dificulta, a monopolização da terra pelo capital, a sua transformação em propriedade mercantil, o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo na agricultura. Nessas duas perspectivas, o movimento camponês adquire dimensão nacional e põe em causa os interesses prevaletentes no governo, Estado. Um dos componentes estruturais da ordem burguesa é a burguesia agrária, a indústria agrícola, a produção de valor na agricultura. Na medida em que esse elemento da ordem burguesa se vê bloqueado em seu funcionamento ou expansão, coloca-se em pauta um problema para as classes dominantes, o bloco de poder.

Mas o movimento social camponês não se limita à luta pela terra. Mesmo quando essa é a reivindicação principal, ele compreende outros ingredientes. A cultura, a religião, a língua ou dialeto, a etnia ou raça entram na formação e desenvolvimento das suas reivindicações e lutas. Mais que isso, pode-se dizer que a luta pela terra é sempre, ao mesmo tempo, uma luta pela preservação, conquista ou reconquista de um modo de vida e trabalho. Todo um conjunto de valores culturais entra em linha de conta, como componentes de um modo de ser e viver.

Acontece que toda opressão econômica é também cultural e social, além de política. A terra não é um fato da natureza, mas produto material e espiritual do trabalho humano. A relação do camponês com ela compreende um intercâmbio social complexo, que implica a cultura. Jamais se limita à

produção de gêneros alimentícios, elementos de artesanaria, matérias-primas para a satisfação das necessidades de alimentação, vestuário, abrigo etc. Muito mais que isso, a relação do camponês com a terra põe em causa também a sua vida espiritual. A noite e o dia, a chuva e o sol, a estação de plantio e a da colheita, o trabalho de alguns e o mutirão, a festa e o canto, a estória e a lenda, a façanha e a inventiva, são muitas as dimensões sociais e culturais que se criam e recriam na relação do camponês com a sua terra, lugar.

Muitas vezes, é na cultura camponesa que se encontram alguns elementos fundamentais da sua capacidade de luta. A sua língua ou dialeto, religião, valores culturais, histórias, produções musicais, literárias e outras entram na composição das suas condições de vida e trabalho. Visão do mundo. Na luta pela terra pode haver conotações culturais importantes, decisivas, sem as quais seria impossível compreender a força das suas reivindicações econômicas e políticas.

A comunidade camponesa é o universo social, econômico, político e cultural que expressa e funda o modo de ser do camponês, a singularidade do seu movimento social. E é precisamente aí que está a sua força. O caráter revolucionário desse movimento social não advém de um posicionamento explícito, frontal, contra o latifúndio, fazenda, plantação, empresa, mercado, dinheiro, capital, governo, rei, rainha, general, patriarca, presidente, supremo, Estado. O seu caráter revolucionário está na afirmação e reafirmação da comunidade. A sua radicalidade está na desesperada defesa das suas condições de vida e trabalho. "Os camponeses levantam-se em armas para corrigir males. Mas as injustiças contra as quais se rebelam são, por sua vez, manifestações locais de grandes perturbações sociais. Por isso a rebelião converte-se logo em revolução e os movimentos de massas transformam a estrutura social como um todo. A própria sociedade converte-se em campo de batalha e, quando a guerra termina, a sociedade estará mudada; e, com ela, os camponeses. Assim, a função do campesinato é essencialmente

trágica: seus esforços para eliminar o pesado presente somente desembocam em um futuro mais amplo e incerto. Não obstante, ainda que trágico, está pleno de esperança" (17) Há uma recôndita dialética comunidade-sociedade no movimento dessa história. "Em geral, as revoltas camponesas não se dirigem contra uma classe, mas contra uma *sociedade de classes*. Por isso o *desespero*, do qual surge a *crueldade*, sempre marcou de forma particular as revoltas camponesas. Não é o 'fanático' que se revolta para defender a sua propriedade, como tendemos a crer. É sobretudo a revolta do 'profano' e do 'bárbaro' contra o 'sagrado' e a 'civilização' do capital" 18

O movimento social camponês nega a ordem burguesa, as forças do mercado, as tendências predominantes das relações capitalistas de produção. Em geral, a radicalidade desse movimento está em que implica em outro arranjo da vida e trabalho. Em sua prática, padrões, valores, ideais, ele se opõe aos princípios do mercado, ao predomínio da mercadoria, lucro, mais-valia. Sempre compreende um arranjo das relações sociais no qual se reduz, ou dissipa, a expropriação, desemprego, miséria, alienação.

A comunidade camponesa pode ser uma utopia construída pela invenção do passado. Pode ser a quimera de algo impossível no presente conformado pela ordem burguesa. Uma fantasia alheia às leis e determinações que governam as forças produtivas e as relações de produção no capitalismo. Mas pode ser uma fabulação do futuro. Para a maioria dos que são inconformados com o presente, que não concordam com a ordem burguesa, a utopia da comunidade é uma das possibilidades do futuro. Dentre as utopias criadas pela crítica da sociedade burguesa, coloca-se a da comunidade, uma ordem social transparente. Esse é, provavelmente, o significado maior do protesto desesperado e trágico do movimento social camponês.

- 1 Manfred Kossok, "Los movimientos populares en el ciclo de la revolución burguesa", publicado por Manfred Kossok, Albert Soboul, Gerhard Brendler, Jürgen Kubler, Max Zeuske e Wolfgang Kuttler, *Las Revoluciones Burguesas*, tradução de Juan Luis Vermal e Octavi Pellissa, Editorial Critica, Barcelona, cap. 2, pp. 99-123; citação da p. 106.
- 2 Karl Marx, *Miséria de Filosofia*, Tradução e introdução de José Paulo Netto, Livraria Editora Ciências Humanas. São Paulo, 1982, p. 160.
- 3 Karl Marx. *El Capital*, 3 tomos, tradução de Wescelao Roces, Fondo de Cultura Economica, México, 1946-1947, tomo I, cap. XIII, p. 555.
- 4 Fredrich Engels, *Del Socialismo Utópico al Socialismo Científico*, Editorial Progreso, Moscou, 1978, pp. 16-17. Tradução da responsabilidade da editora.
- 5 John Womach Jr., *Zapata y la Revolución Mexicana*, tradução de Francisco González Aramburu, Siglo Veintiuno Editores, México, 1969, p. 215.
- 6 Eric J. Hobsbawm, *Los Campesinos y la Política*, tradução de Alejandro Pérez, Editorial Anagrama, Barcelona, 1976, pp. 22, 24 e 27-28. No mesmo livro encontra-se o texto de Hamza Alavi, "Las Clases Campesinas y las Lealtades Primordiales"
- 7 Paulo Sandroni, *Questão Agrária e Campesinato*, Editora Polis, São Paulo, 1980, pp. 24 e 25.
- 8 Karl Marx a Vera Zasúlich, carta de Londres, 8 de março de 1881, publicada em: K. Marx e F. Engels, *El Porvenir de la Comuna Rural Rusa*, tradução de Félix Blanco, Cuadernos de Pasado y Presente, n.º 90, México, 1980, pp. 60-61; citação da p. 61.
- 9 Karl Marx, Carta à Redação de *Otiéchestviennie Zapiski* (Anais da Pátria), escrita em fins de 1877, publicada em K. Marx e F. Engels. *El Porvenir de la Comuna Rural Rusa*, citado, pp. 62-65; citação da p. 63.
- 10 Barrington Moore Jr., *Social Origins of Dictatorship and Democracy* (Lord and Peasant in the Making of the Modern World), Beacon Press, Boston, 1966, p. 480.
- 11 Theda Skocpol, *States and Social Revolutions* (A Comparative Analysis of France, Russia, and China), Cambridge University Press, Cambridge, 1984, p. 113.
- 12 Leon Trotsky, *A História da Revolução Russa*, 3 vols., tradução de E. Huggins, Editora Saga, Rio de Janeiro, 1967, 1.º vol., p. 62.
- 13 Mao Tse-tung, *Escritos Sociológicos y Culturales*, segunda edição, Editorial Laia, Barcelona, 1977, pp. 24-25. Citação do "Informe sobre uma pesquisa do movimento camponês em Hunan", de 1927. Aproveito a tradução de Daniel Fonseca em *Mao Tse-tung* (organizador: Eder Sader), Editora Ática, São Paulo, 1982.
- 14 Ho Chi Minh, "Aos Quadros Camponeses", texto de 1949, publicado em *Escritos I* (1920-1954), tradução de Francisco Correia, Edições Maria da Fonte, Lisboa (?), 1975, pp. 75-76; citação da p. 75.

- 15 Jaime Wheelock Román, em entrevista a Frei Beto, *Nicarágua Livre: O Primeiro Passo*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1980, p. 61.
- 16 Manfred Kossok, "Los movimientos populares en el ciclo de la revolución burguesa", publicado em *Las Revoluciones Burguesas*, citado, p. 114.
- 17 Eric Wolf, *Las Luchas Campesinas del Siglo XX*, tradução de Roberto Reyes Mazzone, Siglo Veintiuno Editores, México, 1972, p. 409.
- 18 Kostas Vergopoulos, "Capitalisme Difforme (Le cas de l'agriculture dans le capitalisme)", publicado por Samir Amin e Kostas Vergopoulos, *La Question Paysanne et le Capitalisme*, Éditions Anthropos, Paris, terceira edição, 1980, pp. 61-295; citação da p. 223.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Ianni, Octavio — "A Utopia Camponesa" — in Revista da  
Universidade de São Paulo — n.º 2, agosto de 1986 —  
pág. 103 a 118.